

Estresse da enfermagem durante a pandemia COVID-19*Nursing stress during the COVID-19 pandemic**Estrés de enfermería durante la pandemia de COVID-19***Aline Voltarelli^{1*}**

ORCID: 0000-0002-3491-616X

André Luiz de Arruda²

ORCID: 0000-0002-6811-0957

Bruna Porath Azevedo³

ORCID: 0000-0002-1400-4147

Renato Philipe de Sousa⁴

ORCID: 0000-0002-6586-2205

Daniela de Stefani Marquez⁵

ORCID: 0000-0002-1463-2012

Eloise Cristiani Borriel Vieira⁶

ORCID: 0000-0002-4685-1797

Rosangela Sakman⁷

ORCID: 0000-0003-1738-9490

Sarah Mendes de Oliveira Muraoka⁸

ORCID: 0000-0001-8374-9698

Camilla Estevão de França⁹

ORCID: 0000-0003-3226-8709

¹Universidad de Ciencias Empresariales Y Sociales. Buenos Aires, Argentina.²Secretaria Municipal da Saúde. São Paulo, Brasil.³Universidade Iguazu. Rio de Janeiro, Brasil.⁴Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, Brasil.⁵Centro Universitário Atenas. Minas Gerais, Brasil.⁶Universidade Paulista. São Paulo, Brasil.⁷Faculdade Sequencial. São Paulo, Brasil.⁸Universidade Federal de Uberlândia. Minas Gerais, Brasil.⁹Faculdade Anhanguera. São Paulo, Brasil.*** Autor correspondente:** E-mail: alivolter@yahoo.com.br**Resumo**

Este estudo teve como objetivo analisar os impactos do estresse nos profissionais de enfermagem durante a pandemia de COVID-19, destacando os fatores desencadeadores, as consequências psicofisiológicas e as estratégias de enfrentamento. Utilizou-se uma metodologia descritiva e qualitativa, baseada em revisão bibliográfica nas bases BVS e SciELO, com artigos publicados entre 2018 e 2022, empregando descritores como "Estresse", "COVID-19", "Enfermeiros", "Prevenção" e "Saúde Mental". Os resultados revelaram que os profissionais de enfermagem enfrentaram níveis alarmantes de estresse devido à sobrecarga laboral, medo de contaminação, escassez de EPJs e falta de suporte psicológico, levando a quadros de ansiedade, depressão e burnout. A discussão destacou a necessidade de intervenções institucionais, como programas de apoio psicológico, melhores condições de trabalho e políticas de saúde mental, para mitigar esses efeitos. Conclui-se que a enfermagem, exposta a riscos físicos e emocionais extremos, requer valorização e suporte contínuo, visando preservar seu bem-estar e a qualidade da assistência prestada, especialmente em contextos de crise sanitária.

Descritores: Estresse; COVID-19; Enfermeiros; Prevenção; Saúde Mental.**Como citar este artigo:**

Voltarelli A, Arruda AL, Azevedo BP, Sousa RP, Marquez DS, Vieira ECB, Sakman R, Muraoka SMO, França CE. Estresse da enfermagem durante a pandemia COVID-19. Glob Clin Res. 2024;4(1):e62. <https://doi.org/10.5935/2763-8847.20210062>

Submissão: 27-01-2023

Aprovação: 05-06-2023



Abstract

This study aimed to analyze the impacts of stress on nursing professionals during the COVID-19 pandemic, highlighting the triggering factors, psychophysiological consequences, and coping strategies. A descriptive and qualitative methodology was employed, based on a bibliographic review of articles published in the BVS and SciELO databases between 2018 and 2022, using descriptors such as "Stress", "COVID-19", "Nurses", "Prevention", and "Mental Health". The results revealed that nursing professionals faced alarming levels of stress due to work overload, fear of contamination, shortage of PPE, and lack of psychological support, leading to anxiety, depression, and burnout. The discussion highlighted the need for institutional interventions, such as psychological support programs, better working conditions, and mental health policies, to mitigate these effects. It is concluded that nursing, which is exposed to extreme physical and emotional risks, requires continuous appreciation and support to preserve its well-being and the quality of care provided, especially in contexts of health crisis.

Descriptors: Stress; COVID-19; Nurses; Prevention; Mental Health.

Resumén

Este estudio tuvo como objetivo analizar el impacto del estrés en los profesionales de enfermería durante la pandemia de COVID-19, destacando los factores desencadenantes, las consecuencias psicofisiológicas y las estrategias de afrontamiento. Se empleó una metodología descriptiva y cualitativa, basada en una revisión bibliográfica en las bases de datos BVS y SciELO, con artículos publicados entre 2018 y 2022, utilizando descriptores como "Estrés", "COVID-19", "Enfermeras", "Prevención" y "Salud Mental". Los resultados revelaron que los profesionales de enfermería se enfrentaron a niveles alarmantes de estrés debido a la sobrecarga laboral, el miedo al contagio, la escasez de EPI y la falta de apoyo psicológico, lo que provocó ansiedad, depresión y agotamiento. La discusión destacó la necesidad de intervenciones institucionales, como programas de apoyo psicológico, mejores condiciones laborales y políticas de salud mental, para mitigar estos efectos. Se concluye que la enfermería, expuesta a riesgos físicos y emocionales extremos, requiere reconocimiento y apoyo continuos, con el objetivo de preservar su bienestar y la calidad de la atención prestada, especialmente en contextos de crisis sanitaria.

Descriptorios: Estrés; COVID-19; Enfermeras; Prevención; Salud Mental.

Introdução

O estresse é uma resposta fisiológica natural do organismo diante de situações de risco, ameaça ou perigo, desencadeando mecanismos de alerta e defesa. Essa reação pode manifestar-se tanto por meio de reações impulsivas e agressivas quanto por comportamentos de retração e vulnerabilidade. Atualmente, um dos principais fatores desencadeadores de estresse em escala global é a pandemia de COVID-19, que tem impactado significativamente a saúde mental da população¹.

Estudos sobre a saúde mental em comunidades demonstram que aproximadamente 90% da morbidade psiquiátrica nesses contextos está associada a queixas inespecíficas e somáticas, relacionadas a distúrbios não psicóticos. Dentre esses, destacam-se a depressão e a ansiedade como as condições mais prevalentes².

Inicialmente, a COVID-19 foi subestimada, sendo comparada a uma gripe comum com possível evolução para pneumonia. No entanto, sua gravidade tornou-se evidente devido ao rápido agravamento clínico dos infectados, caracterizado por dispneia intensa, coriza, mialgia, cefaleia, anosmia e hiporexia. Essas manifestações clínicas, associadas ao alto potencial de transmissão, geram medo e desespero não apenas nos pacientes, mas também em seus familiares e cuidadores, exacerbando os níveis de estresse coletivo.

Além dos riscos diretos à saúde pública, a pandemia de COVID-19 tem provocado profundos impactos psicológicos, conforme observado em surtos anteriores. A humanidade enfrenta um período desafiador, marcado por elevados níveis de angústia, especialmente entre profissionais da linha de frente, como os da enfermagem. A capacidade de adaptação humana será crucial para a superação dessa crise³.

O estresse entre os profissionais de enfermagem atingiu níveis alarmantes. Esses trabalhadores enfrentam cobranças excessivas, falta de reconhecimento por parte de gestores e governantes, além de lidar com a hostilidade de pacientes estressados, que frequentemente direcionam sua frustração aos cuidadores⁴.

O enfrentamento de situações críticas, como as impostas pela COVID-19, expõe os profissionais de enfermagem a um esgotamento de seus recursos psicológicos, elevando significativamente seus níveis de estresse. A ausência de condições dignas de descanso, o medo de contaminar familiares, a exposição ao sofrimento dos pacientes e a falta de suporte psicológico adequado contribuem para a fragilização mental desses trabalhadores. Além disso, a inexistência de reconhecimento institucional e a sobrecarga de plantões agravam ainda mais esse cenário^{4,5}.

Essa pressão contínua tem levado muitos profissionais a desenvolverem transtornos depressivos, ansiosos e doenças cardiovasculares, como hipertensão



arterial, risco aumentado de infarto agudo do miocárdio e acidente vascular encefálico. Em casos extremos, o desespero culmina em suicídio. Diante desse contexto, a humanidade vive um momento marcado por tristeza, angústia e estresse generalizado, reforçando a importância de estratégias de resiliência e suporte emocional⁶.

Diante disso, é fundamental disseminar informações claras sobre medidas de prevenção, distanciamento social e conscientização de que a COVID-19 não discrimina etnia ou classe social, podendo afetar qualquer indivíduo. O objetivo geral deste estudo é compreender o papel essencial do enfermeiro no apoio à equipe de enfermagem, fornecendo suporte psicológico, orientação em situações críticas e assistência integral a pacientes e familiares. Além disso, busca-se definir os conceitos de estresse e COVID-19, destacar a importância da prevenção e abordar estratégias de cuidado emocional para profissionais da saúde.

Metodologia

Este estudo caracteriza-se como uma pesquisa descritiva e qualitativa, com abordagem voltada para a análise do estresse entre profissionais de enfermagem no contexto da pandemia de COVID-19. O enfoque central recai sobre os fatores desencadeadores de estresse nessa categoria, incluindo sobrecarga laboral, cobranças excessivas, desvalorização profissional e os impactos na saúde mental, como o desenvolvimento de quadros depressivos.

A coleta de dados foi realizada por meio de revisão bibliográfica nas bases de dados da Biblioteca Virtual em Saúde (BVS) e *Scientific Electronic Library Online* (SciELO), selecionando artigos científicos publicados entre 2018 e 2022, em português, espanhol e inglês. Foram priorizados estudos de acesso livre e indexados em plataformas acadêmicas reconhecidas. Os descritores utilizados na busca seguiram os termos controlados DeCS (Descritores em Ciências da Saúde) e MeSH (*Medical Subject Headings*), tais quais: "Estresse" (*Stress*); "COVID-19"; "Enfermeiros" (*Nurses*); "Prevenção" (*Prevention*); "Saúde Mental" (*Mental Health*).

Os critérios de inclusão dos artigos basearam-se na pertinência temática, considerando a coerência entre títulos, resumos e conteúdo em relação ao objetivo central desta pesquisa. Foram excluídos estudos que não abordassem diretamente o estresse em profissionais de enfermagem durante a pandemia ou que apresentassem limitações metodológicas significativas. A análise dos dados seguiu uma abordagem qualitativa, permitindo uma discussão crítica sobre os desafios enfrentados pela enfermagem e as estratégias de enfrentamento ao estresse nesse contexto.

Resultados e Discussão

As situações ambientais podem ser classificadas como potenciais desencadeadoras de estresse e categorizadas em três grupos principais: (1) eventos vitais (*life-events*), (2) eventos diários menores e (3) situações de tensão crônica. Os *life-events*, inicialmente estudados por

Holmes e Rahe (1967), constituem um dos principais focos de investigação da epidemiologia psiquiátrica nas últimas décadas. Na literatura, esses eventos são referidos como acontecimentos vitais, eventos de vida, eventos estressores ou eventos de vida negativos. Para fins deste estudo, adotou-se a terminologia eventos de vida estressores, por sua maior adequação conceitual ao tema em discussão⁷.

A literatura especializada estabelece uma distinção fundamental entre eventos de vida estressores dependentes e independentes. Os eventos dependentes caracterizam-se pela participação ativa do indivíduo em sua gênese, estando diretamente relacionados aos seus padrões comportamentais e à forma como estabelece suas relações interpessoais. Nesses casos, as próprias ações do sujeito podem contribuir para a criação de situações adversas. Em contrapartida, os eventos independentes situam-se além do controle individual, sendo inerentes ao curso natural da vida, como exemplificado pelo falecimento de um ente querido ou pela emancipação dos filhos enquanto etapa do desenvolvimento familiar⁸.

Uma diferenciação deve ser estabelecida entre eventos traumáticos e eventos de vida estressores. Os primeiros representam experiências de tal magnitude que podem deixar sequelas psicológicas persistentes, mantendo-se presentes por décadas mesmo após cessada a exposição ao evento causal. Particularmente, os traumas graves envolvem ameaças à integridade física do indivíduo ou de terceiros. Em contraste, os eventos estressores, embora capazes de desencadear manifestações psicopatológicas e desajustes comportamentais, tendem a apresentar remissão sintomatológica progressiva após a eliminação do fator estressor⁹.

O espectro de fatores estressores ambientais estende-se além dos eventos vitais, englobando também os denominados acontecimentos diários menores. Estas ocorrências aparentemente banais - como extravios de objetos, esperas prolongadas ou exposição a ruídos ambientais - podem, quando persistentes, desencadear respostas ao estresse com repercussões psicofisiológicas mais significativas do que eventos estressores pontuais. A recorrência desses microestressores cotidianos assume particular relevância clínica, podendo constituir-se em fonte substancial de sofrimento psíquico para determinados indivíduos^{8,9}.

Complementando esta taxonomia, as situações de tensão crônica configuram-se como fontes prolongadas de estresse, caracterizadas por sua persistência temporal e intensidade moderada a severa. Relacionamentos conjugais conflituosos, marcados por agressões físicas ou verbais continuadas, exemplificam este fenômeno, frequentemente associado ao desenvolvimento de significativas manifestações psicopatológicas. Cabe ressaltar que a resposta individual ao estresse é mediada por processos cognitivos complexos, nos quais a avaliação subjetiva do estímulo - como ameaçador, neutro ou desejável - desempenha papel determinante na configuração das reações emocionais e comportamentais subsequentes. Este mecanismo avaliativo constitui-se, portanto, como elemento fundamental na modulação dos impactos



psicossociais decorrentes da exposição a situações estressoras⁸⁻¹⁰.

No âmbito cognitivo, é possível identificar quatro componentes fundamentais no processamento de situações estressoras. O primeiro diz respeito à avaliação inicial automática do estímulo, também denominada reação afetiva primária, na qual o indivíduo realiza uma análise imediata do potencial ameaçador da situação. Esta avaliação global afetiva determina a ativação de padrões diferenciados de resposta, sendo que a percepção de ameaça desencadeia mecanismos defensivos, enquanto a ausência desta percepção favorece respostas de orientação e investigação, preparando o indivíduo para coletar informações adicionais. Estas diferentes modalidades de resposta estão associadas a padrões fisiológicos distintos^{8,9}.

O segundo componente envolve a avaliação primária da demanda, processo no qual o indivíduo interpreta a situação estressora não por suas características intrínsecas, mas mediante seu repertório pessoal de experiências e aprendizados prévios. Esta fase é essencial para compreender a vivência subjetiva do estresse. O terceiro componente corresponde à avaliação secundária, na qual o indivíduo mensura suas capacidades e recursos disponíveis para enfrentar a situação desafiante. Por fim, o quarto componente refere-se à organização da ação, momento em que, baseado nas avaliações anteriores, o indivíduo seleciona e implementa estratégias de resposta^{3,8}.

As respostas comportamentais podem apresentar diferentes graus de especificidade em relação ao estressor, variando desde ações direcionadas até reações mais genéricas. Em situações em que não há respostas prontamente disponíveis, o indivíduo enfrenta o dilema entre tentar novas estratégias ou adotar uma postura passiva. Esta decisão influencia diretamente a mobilização de recursos fisiológicos e comportamentais. As respostas fundamentais diante de estressores incluem três padrões básicos: enfrentamento (ataque), evitação (fuga) e passividade (colapso). A eficácia destas respostas está condicionada à história de aprendizagem do indivíduo, particularmente ao reforço obtido em situações anteriores similares. A resposta de enfrentamento selecionada determina não apenas o grau de ativação do organismo, mas também os sistemas fisiológicos mobilizados e os potenciais transtornos psicofisiológicos associados. Padrões específicos de resposta apresentam correlações com transtornos psicopatológicos distintos: respostas de evitação podem predizer o desenvolvimento de agorafobia ou fobia social, enquanto padrões persistentes de enfrentamento do tipo A associam-se a maior risco de transtornos cardiovasculares^{3,7,9}.

Do ponto de vista evolutivo, as respostas de ansiedade, medo e estresse encontram suas origens nos mecanismos de defesa dos animais diante de ameaças ambientais. Quando confrontado com situações que comprometem seu bem-estar, integridade física ou sobrevivência, o organismo mobiliza um conjunto integrado de respostas comportamentais e neurovegetativas que caracterizam a reação de medo. Este padrão filogenético permanece fundamental para compreender as respostas

humanas ao estresse, particularmente em contextos de alta demanda psicofisiológica⁷.

No âmbito da enfermagem, o exercício profissional exige não apenas competência técnica e científica, mas também significativo controle emocional, dada a constante exposição a situações de risco, vulnerabilidade física e emocional, e a responsabilidade inerente ao cuidado de vidas humanas. Esta conjuntura laboral particularmente desgastante pode precipitar deterioração psicológica, manifestando-se através de elevados níveis de estresse, exaustão emocional, quadros ansiosos e depressivos. Tais comorbidades, quando presentes, comprometem substancialmente a satisfação profissional, podendo resultar em prejuízos à qualidade assistencial e à segurança dos pacientes³⁻⁵.

O contexto pandêmico decorrente do SARS-CoV-2 acentuou significativamente estas vulnerabilidades entre os profissionais de enfermagem na linha de frente. A exposição prolongada a situações críticas, associada à ambiguidade de papéis e conflitos institucionais, elevou consideravelmente os níveis de estresse nesta categoria profissional⁵.

Os principais fatores estressores identificados incluíram o medo constante de contaminação pessoal e transmissão viral aos familiares, agravado pelo contato direto com pacientes em franco deterioramento clínico ou em processo de terminalidade. Estas vivências, particularmente traumáticas, demandaram suporte emocional intensificado e monitoramento psicológico contínuo, criando um ciclo vicioso de aumento progressivo da carga estressora e necessidade de intervenções especializadas^{11,12}.

Observou-se que os índices de esgotamento profissional e estresse pandêmico atingiram níveis consideravelmente superiores entre os profissionais com maior tempo de exposição direta e carga horária mais extensa. A convergência de fatores como sobrecarga laboral, privação de sono, medo constante e incertezas quanto ao futuro configurou um cenário particularmente propício ao desenvolvimento de transtornos mentais entre os trabalhadores da saúde, com destaque para a categoria de enfermagem. O rápido incremento de casos graves de COVID-19, associado à insuficiência crônica de recursos materiais (leitos, ventiladores mecânicos) e humanos, precipitou um colapso sistêmico que exacerbou ainda mais estas condições adversas. Esta realidade destacou a urgência de políticas institucionais voltadas para a proteção da saúde mental dos profissionais de saúde em contextos de crise sanitária^{1,5}.

A pandemia causada pelo SARS-CoV-2 configurou-se como a maior emergência em saúde pública das últimas décadas, afetando a comunidade global em múltiplas dimensões. Além dos riscos imediatos à saúde física, destacou-se o significativo impacto psicológico, tanto nos profissionais de saúde envolvidos no enfrentamento direto quanto na população geral. Analogamente a pandemias anteriores, observou-se um padrão de sofrimento mental caracterizado pelo medo da infecção, preocupação com a transmissão intradomiciliar, estresse prolongado, sensação



de desvalorização profissional e ansiedade antecipatória em relação às consequências e à duração da crise sanitária^{6,11}.

A rotina laboral dos profissionais de saúde, seja em atenção básica ou em serviços de alta complexidade, desencadeou uma convergência de sentimentos adversos, incluindo angústia, ansiedade, fadiga emocional, medo e insegurança. Esses fatores contribuíram para o aumento de conflitos interpessoais, insatisfação profissional e estresse ocupacional. Conforme evidenciado neste estudo, esse cenário representou um desafio multidimensional, uma vez que protocolos e equipamentos de proteção individual (EPIs), anteriormente estabelecidos, mostraram-se insuficientes diante da magnitude da pandemia. Essa limitação foi destacada em oito dos doze artigos analisados, demonstrando que, embora as medidas de paramentação tenham sido adaptadas para gerenciar os riscos biológicos, permaneceram ineficazes em neutralizar os impactos psicológicos vivenciados cotidianamente pelos profissionais^{7,12}.

O ambiente das Unidades de Terapia Intensiva (UTIs), já reconhecidamente estressor, tornou-se ainda mais desgastante durante e após a pandemia, catalisando a transição do estresse agudo para quadros crônicos entre os enfermeiros. Essa progressão manifestou-se através de ansiedade persistente, depressão e esgotamento profissional (burnout), agravando significativamente o estado psicológico desses trabalhadores. A elevada prevalência de sofrimento mental, estresse percebido e burnout entre profissionais na linha de frente da COVID-19 reforça a necessidade urgente de intervenções estruturadas. As experiências psicossociais desses profissionais devem ser valorizadas, sendo essencial a implementação de suporte psicológico individual e em grupo, visando à preservação de seu bem-estar. Ademais, o temor associado à exposição diária nos serviços intensificou a adoção de medidas preventivas, como a higienização frequente das mãos, evidenciando como o contexto pandêmico redefiniu não apenas as práticas assistenciais, mas também as estratégias de autocuidado e proteção mental.

A sobrecarga laboral, associada à escassez de suporte social e à insuficiência de recursos humanos nos ambientes de trabalho, contribuiu significativamente para a elevação dos níveis de estresse percebido pelos profissionais de saúde. É imperativo que gestores e sistemas de saúde adotem medidas para mitigar a exaustão desses trabalhadores, garantindo não apenas a disponibilidade de recursos materiais necessários para uma prática assistencial segura, mas também o acesso contínuo a suporte psicológico e informacional. A implementação de programas estruturados de acompanhamento psicológico mostra-se

essencial tanto para reduzir os impactos imediatos do estresse ocupacional quanto para preparar esses profissionais para eventuais crises sanitárias futuras^{13,14}.

As instituições de saúde desempenham um papel crucial na promoção de ambientes laborais adequados, mediante a adoção de políticas organizacionais que contemplem turnos equilibrados, intervalos regulares e espaços físicos apropriados para repouso, adaptados às necessidades específicas de cada serviço. Outro fator crítico identificado foi a preocupação constante com a inadequação ou escassez de Equipamentos de Proteção Individual (EPIs), que além de gerar insegurança, acarretou desconfortos físicos significativos, incluindo lesões dermatológicas, restrições hídricas e alimentares prolongadas, e alterações sensoriais. Tais condições destacam a necessidade de que, durante emergências de saúde pública, os órgãos responsáveis garantam não apenas o fornecimento adequado de insumos, mas também o suporte psicológico especializado para os profissionais expostos^{8,12,14}.

Os resultados deste estudo evidenciam a premência de uma assistência integral aos profissionais de saúde, que, ao dedicarem-se ao cuidado de vidas em contextos de alto risco, enfrentaram desafios sem precedentes durante a pandemia. A ausência de um apoio psicológico estruturado, somada à exposição a um vírus desconhecido e altamente contagioso, precipitou o surgimento de quadros graves de estresse, depressão, ansiedade e síndrome de burnout entre esses trabalhadores. Em casos extremos, tais condições levaram a desfechos trágicos, como o suicídio, reflexo da pressão física, emocional e psíquica exacerbada. Adicionalmente, relatos indicam que a limitação no acesso a EPIs foi agravada por práticas institucionais inadequadas, incluindo a censura a manifestações de medo ou insegurança por parte dos profissionais, perpetuando um ambiente de trabalho hostil e desprovido de suporte⁹.

Conclusão

Conclui-se que a enfermagem são os profissionais que enfrentam o estresse e que merecem ser valorizados, principalmente por respeito, por dedicarem-se suas vidas, seus momentos de sofrimento, fraqueza e, mesmo assim, agirem no apoio emocional dos pacientes acometidos por COVID-19 com humanização. Na enfermagem, cobranças, normas e protocolos se inovam, sofrendo mudanças extraordinárias, e, com isso, toda a equipe de enfermagem se desgasta, não somente com o serviço em si, mas, com a pandemia e seus efeitos, ocasionando, aos trabalhadores da equipe de enfermagem, depressão, desesperança, abandono da profissão, tentativas de autoextermínio etc.

Referências

1. Despoina P, Chrysoula. Investigation of nurses' mental status during COVID-19 outbreak - a systematic review. *Int J Nurs*. 2020;7(1):69-77. <https://doi.org/10.15640/ijn.v7n1a8>
2. Martins BG, Silva WR, João M, Campos JADB. Depression, Anxiety, and Stress Scale: psychometric properties and affectivity prevalence. *J Bras Psiquiatr*. 2019;68(1):32-41. <https://doi.org/10.1590/0047-2085000000222>



3. Barbosa DJ, Gomes MP, Souza FBA, Gomes AMT. Fatores de estresse nos profissionais no combate à pandemia da COVID-19. *Comunicação em Ciências da Saúde*. 2020;31(Supl.Esp.):31-47. <https://doi.org/10.51723/ccs.v31iSuppl%201.651>
4. Oliveira AC. Desafios da enfermagem frente ao enfrentamento da pandemia da COVID19. *Rev Min Enferm*. 2020;24:e-1302. <http://www.dx.doi.org/10.5935/1415-2762.20200032>
5. Alyahya SA, Al-Mansour KA, Alkohaiz MA, Almalki MA. Association between role conflict and ambiguity and stress among nurses in primary health care centers in Saudi Arabia during the coronavirus disease 2019 pandemic: A cross-sectional study. *Medicine*. 2021;100(37):e27294. doi: 10.1097/MD.00000000000027294
6. Humerez DC, Ohl RIB, Silva MCN. Saúde mental dos profissionais de enfermagem do Brasil no contexto da pandemia COVID19: ação do Conselho Federal de Enfermagem. *Cogitare Enfermagem*. 2020;25:e74115. <http://dx.doi.org/10.5380/ce.v25i0.74115>
7. Araújo MAM, Coelho MMF, Barbosa RGB, Souza AMA, Oliveira RM, Morais JB. O sentido no trabalho de enfermagem: constituintes para saúde mental durante pandemia da COVID-19. *Enfermagem em saúde mental e COVID-19.2.ed.rev*. Brasília, DF: Editora ABEn; 2020. (Série Enfermagem e Pandemias, 4). <https://doi.org/10.51234/aben.20.e04.c01>
8. Faro A, Bahiano MA, Nakano TC, Reis C, Silva BFP, Vitti LS. COVID-19 e saúde mental: a emergência do cuidado. *Estudos de Psicologia (Campinas)*. 2020;37:e200074. <https://doi.org/10.1590/1982-0275202037e200074>
9. Aoki RN. Bullying em profissionais de enfermagem no atendimento à COVID-19. *Glob Acad Nurs*. 2022;3(Sup.1):e240. <https://dx.doi.org/10.5935/2675-5602.20200240>
10. Simão ALS, Chouzende BO, Duarte KOR, Rodrigues SG, Aver LA, Saco MC. Aleitamento materno e a pandemia da COVID-19. *Glob Clin Res*. 2021;1(1):e6. <https://doi.org/10.5935/2763-8847.20210006>
11. Wang C, Pan R, Wan X, Tan Y, Xu L, McIntyre RS, et al. A longitudinal study on the mental health of general population during the COVID-19 epidemic in China. *Brain Behav Immun*. 2020;87:40-8. <https://doi.org/10.1016/j.bbi.2020.04.028>
12. Gonzalez-Diaz SN, Martin B, Villarreal-Gonzalez RV, et al. Psychological impact of the COVID-19 pandemic on patients with allergic diseases. *World Allergy Organ J*. 2021;14(3):100510. doi:10.1016/j.waojou.2021.100510
13. García GM, Calvo JCA. The threat of COVID-19 and its influence on nursing staff burnout. *J Adv Nurs*. 2021;77(2):832-844. doi:10.1111/jan.14642
14. Galehdar N, Kamran A, Toulabi T, Heydari H. Exploring nurses' experiences of psychological distress during care of patients with COVID-19: a qualitative study. *BMC Psychiatry*. 2020;20(1):489. doi:10.1186/s12888-020-02898-1

